

SURFANDO PARA A VIDA: UM ESTUDO SOBRE O PAPEL DO SURFE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA LIBERTADORA

Liana Lima Rocha*
Maria Eleni Henrique da Silva**

Resumo

Este trabalho se trata de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo estudar o surfe como uma prática corporal educativa libertadora, identificando elementos para a formação humana cidadã e a inclusão socioeducativa dos jovens participantes de um projeto social de surfe na praia do Titanzinho, na cidade de Fortaleza. A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa foi o enfoque qualitativo orientado pela abordagem etnográfica, tendo como instrumentos de pesquisa a observação, a análise documental e entrevistas. Com esse estudo, foi possível constatar uma experiência de ensino e aprendizagem do surfe que promove um saber das habilidades motoras dessa prática corporal, ao mesmo tempo em que oportuniza saberes ligados ao desenvolvimento de atitudes e valores humanos, dialogando com alguns temas sociais, principalmente os que problematizam o meio ambiente.

Palavras-chave: Surfe. Juventude. Educação Libertadora. Projetos sociais.

INTRODUÇÃO

O surfe pode ser descrito como o movimento de deslizar o corpo sobre as águas, sendo, portanto, uma atividade corporal praticada em meio aquático, mais precisamente na praia. Em seu sentido figurado, o surfe é a arte de deslizar sobre as ondas e, além de ser reconhecido como uma prática corporal/esporte radical, é também consagrado como um estilo de vida (BITENCOURT et al., 2004).

Em alguns contextos, o surfe tem sido trabalhado dentro de uma perspectiva social formativa, como um caminho para a formação de jovens vítimas de uma ordem social que se estrutura em um contexto desumanizante permeado de injustiças. São projetos que utilizam o surfe como instrumento de educação, proporcionando noções de cidadania e conscientização ambiental, como é apontado pelo historiador Nogueira em sua tese sobre a relação do surfe com os processos sócio-históricos de uma comunidade litorânea: “Natural e social articulam-se continuamente. Entre outros resultados, a prática do surfe na periferia urbana de Fortaleza concretizou-se em inserção social e educação ambiental” (NOGUEIRA, 2014, p. 7).

* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: <lianaedf@gmail.com>.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunta do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. E-mail: <melenih@hotmail.com>.

A partir da existência desses contextos e os reconhecendo como espaço-tempo de educação, surgiu o interesse em desenvolver esta pesquisa que tem como objetivo estudar o surfe como uma prática educativa identificando elementos para a formação humana cidadã e para a inclusão social de jovens. O cenário escolhido para a construção dessa pesquisa foi o projeto social: Instituto Povo do Mar (IPOM), que tem como propósito educacional usar o surfe como princípio de poderosas ações educativas para a juventude que mora no entorno da praia do Titanzinho, na cidade de Fortaleza, no Ceará.

O olhar inovador desse estudo se constrói ao tomar como base as ações desse projeto e estudar o surfe nesse contexto, fazendo uma reflexão da sua relação com a formação dos jovens participantes desse projeto social, a partir das ideias de Paulo Freire, pilar teórico desse processo investigativo revelador. Configurando-se, assim, como estudo fundamentado por reflexões que dialogam com uma perspectiva de educação libertadora, progressiva, dialógica.

Refletir a partir das ideias de Freire nos faz compreender que a educação deve desenvolver ações contextualizadas, geradoras de energia criativa, categoricamente contrárias a condutas persuasivas e repressoras. É importante que cada pessoa tenha oportunidade de identificar seus próprios interesses, mais do que se submeter aos do educador. Só assim a educação se configuraria como uma pedagogia centrada na pessoa, como podemos perceber na citação de Freire (1996, p. 15):

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Por que não estabelecer uma necessária 'intimidade' entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a

experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? (FREIRE, 1996, p.15)

Compreendemos, portanto, a educação, tanto aquela vivenciada na escola como fora dela, enquanto um dos principais instrumentos de intervenção na realidade social, que pode promover mudanças significativas na sociedade, desde que seja vivenciada como um ato de ação e reflexão permanente, construída a partir de uma pedagogia crítica, que tem como base uma educação social para a transformação da sociedade (BRANDÃO, 1981; GADOTTI, 2012).

Nesse sentido, estudar essa alternativa se consolidou como ponto gerador para a busca de reflexões sobre a educação dentro e fora do contexto escolar. Portanto, o objetivo geral dessa pesquisa é estudar o surfe como uma prática corporal educativa, identificando elementos para a formação humana cidadã e a inclusão socioeducativa dos jovens participantes de um projeto social de surfe na praia do Titanzinho.

Para um alcance qualitativo do objetivo geral, os objetivos específicos foram: a) descrever como o surfe é vivenciado no contexto do projeto social IPOM; b) perceber os sentidos e significados que os jovens atribuem ao surfe mediante suas falas, gestos e ações e; c) identificar os saberes compartilhados com os jovens em relação ao surfe como prática corporal educativa.

1. O SURFE COMO PRÁTICA EDUCATIVA

Percebe-se, ao longo desses anos, que o surfe, à medida que tem sua evolução como prática corporal ao longo de sua história, tem se apresentado também em um campo de intervenção pedagógico construído mediante uma diversidade de ações que vão desde a implantação de escolinhas de surfe voltadas ao treinamento esportivo quanto à existência de projetos socioeducativos.

O surfe, além de desenvolver movimentos corporais particulares do ser humano com o mar, possibilitando avanços nos aspectos físicos e motores, é responsável também por imprimir movimentos culturais e sociais específicos que se repercutem, portanto, fora do mar, como é apresentado na citação abaixo:

Quando pensamos na colaboração mútua entre corpo e ambiente, entre cognição e cultura, rompe-se com a ideia de influência, na medida em que se compreende a relação corpo e ambiente em movimentos de mão dupla, isto é, não é a cultura que influencia o corpo ou o corpo que influencia a cultura, trata-se de uma espécie de “contaminação” simultânea entre esses dois sistemas onde ambos trocam informações de modo a evoluírem processualmente juntos. Nesse sentido, a “cultura surfe” é alimentada a partir de práticas de incorporação, mas também de inscrição, como a ampla divulgação de filmes, revistas, jornais, instrumentos de publicidade que a todo o momento inscrevem as marcas, os símbolos e valores desse estilo de vida nos diversos espaços urbanos (ALBUQUERQUE, 2006, p. 142).

Assim, percebemos o surfe como uma prática corporal dotada de relações que estão para além da dimensão física e do convívio no/com o mar, carregada de significados culturais e sociais. Diante dessas relações, o surfe tem se mostrado como um importante campo de intervenção pedagógica.

Trabalhando as várias dimensões dos seres humanos, o surfe poderá promover a aprendizagem de conhecimentos, habilidades, sentimentos e valores, a partir de um sistema global de relações objetivas e subjetivas de seu próprio contexto, moldando, inclusive, identidades pessoais através da incorporação consciente ou inconsciente de formas de pensar e agir no mundo (RAMOS; BRASIL; GODA, 2013).

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho se baseia nos parâmetros da pesquisa social qualitativa, que, conforme Minayo (2003), tem a realidade social como próprio motor

da vida individual e coletiva, com toda a riqueza e o significado dela. Caracteriza-se, assim, como um estudo de abordagem qualitativa de orientação etnográfica, tendo em vista a pertinência do mesmo para a realização do trabalho de verificação e aprofundamento sobre o fenômeno aqui estudado.

O estudo foi realizado no Instituto Povo do Mar (IPOM), um projeto social de surfe voltado para crianças e adolescentes efetivamente matriculados e frequentes na escola – uma das condições exigidas para participar do projeto que fica situado na praia do Titanzinho, no bairro Serviluz, um cenário de contrastes, localizado na periferia do município de Fortaleza, no Ceará.

Lugar marcado pela mistura de paisagens, onde nos deparamos com um conjunto de belezas naturais de uma praia com ondas perfeitas para a prática do surfe, por um lado, tornando essa manifestação corporal uma das principais práticas da juventude local e, do outro, no seu entorno, podemos observar uma paisagem conflitante, onde encontramos famílias devastadas pela miséria, pelo desemprego, pelo crime, pelas drogas, pela prostituição, problemas esses que denunciam todo o descaso público e toda a injustiça social frente às camadas mais populares (SÁ, 2010).

O Instituto Povo do Mar, lócus da nossa pesquisa, é uma organização não governamental mantida pela sociedade civil sem fins lucrativos, que apresenta como propósito educacional usar o surfe como princípio de ações educativas para a formação de crianças e adolescentes que moram na presente comunidade, tendo, por isso, a finalidade de ser um espaço voltado à cidadania, à educação, ao esporte para o pleno desenvolvimento integral dos jovens, aos estudos em língua estrangeira, às artes, à cultura, ao voluntariado, ao desenvolvimento social no combate à pobreza, e à preservação do meio ambiente (IPOM, 2016).

A equipe de educadores sociais do IPOM é constituída por pessoas de diversas áreas, moradores e

não moradores da comunidade, com formação e sem formação específica, com experiência em áreas diversas (pedagogia, psicologia, inglês). No caso do surfe, na época da pesquisa eram dois professores, moradores do Serviluz, ex-atletas, sem formação superior.

A pesquisa de campo teve duração de um ano, de fevereiro de 2016 até fevereiro de 2017. Durante esse trabalho de campo, delimitamos três etapas da pesquisa: acompanhamento do projeto e de seu entorno; observação das aulas de surfe (diário de campo) e análise do projeto político pedagógico da instituição; entrevistas individuais semiestruturadas com 4 jovens participantes do projeto, com idade entre 13 e 15 anos, três garotos e uma garota, autores sociais dessa pesquisa.

Os jovens que colaboraram com essa pesquisa tinham quatro anos de participação no projeto, estavam matriculados na escola e eram moradores da comunidade do Titanzinho, tendo suas histórias de vidas marcadas pela pesca, pelo surfe e por uma realidade de intensa pobreza, já mencionada anteriormente quando caracterizamos o cenário da pesquisa.

Nesse trabalho, todos os cuidados éticos foram assegurados, desde documentos de autorização da pesquisa (uso de imagem, projeto político pedagógico e permissão para observar as atividades do projeto) assinados pela coordenação da instituição pesquisada até os termos de autorizações dos responsáveis pelos jovens que participaram das entrevistas.

De acordo com os princípios éticos, garantimos aos mesmos o direito à privacidade ou à não-participação, ao anonimato e à confidencialidade. Portanto, para a segurança das identidades dos jovens, eles foram denominados conforme os nomes dos pontos localizados na praia que são indicados para o surfe, situados próximos ao instituto, lócus da pesquisa. Desse modo, os jovens foram nomeados de: Titanzinho (sexo masculino, 13 anos); Vizinho (sexo masculino, 13 anos); Portão (sexo masculino, 15 anos); e Havaízinho (sexo feminino, 15 anos).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 SURFANDO ALÉM DAS ONDAS: COMO O SURFE É VIVENCIADO NAQUELE CONTEXTO

Sobre o primeiro objetivo específico desse estudo, o que ficou de mais significativo dos resultados é que o surfe vivenciado nesse contexto está para além das relações com as ondas do mar, o que significa dizer que essa prática corporal é trabalhada não só pelos aspectos físicos, mas também como uma experiência fundamentada por ações e intenções que buscam vivenciar o surfe nas dimensões sociais e afetivas.

Durante a pesquisa de campo, foi possível observar aulas em que os jovens foram incentivados a pensar e a retratar o surfe através de suas histórias de vida, espaço-tempo esse mediado pelas percepções contidas nessa relação de suas realidades, como foi descrito em um dos diários de campo construídos:

Desenvolvendo a consciência cultural através do surfe e da arte, nesse dia, foi feita uma atividade diferente. Com folhas e material de pintura, a aula foi orientada como surfe arte, onde os jovens surfistas foram colocados para construir individualmente sua percepção sobre a relação da comunidade com o surfe. (Extratos do diário de campo, 31 de maio de 2016).

Deste modo, constatamos a importância e o cuidado que o instituto tem em construir essa relação dialógica com os jovens, ao reconhecer e incorporar elementos culturais que fazem parte da identidade dos moradores da comunidade da praia do Titanzinho e que apresenta uma forte relação com o mar e o surfe, como elucidou Freire:

A partir das relações do homem com a realidade resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. (FREIRE, 2000, p. 51)

O surfe vivenciado nesse contexto não foca o seu trabalho na preparação e na descoberta de atletas, como acontece em outros projetos sociais, sendo, então, uma experiência pautada na formação lúdica, educativa, amorosa e social de crianças e jovens surfistas, que são levados a refletir socialmente e afetivamente sua comunidade, suas histórias, suas lutas e sua cultura, como podemos constatar ao analisarmos o projeto político pedagógico da instituição:

Todos os projetos elaborados pelo IPOM são voltados para a construção de uma educação que promova uma consciência crítica nos sujeitos, trabalhando a premissa do esporte para o desenvolvimento e uma prática educativa pautada nos princípios da pedagogia do amor crítico, tendo como base, um dos mais importantes teóricos brasileiros: Paulo Freire (IPOM, 2016, p. 4).

Um tema bastante observado durante as aulas de surfe é a preocupação com a preservação do meio ambiente, em que são feitas intervenções de limpeza da praia e caminhadas para identificar os problemas do bairro. Esse tema apresenta forte ligação com o contexto do surfe, uma vez que se trata de uma prática corporal que apresenta relação direta com o mar, com a natureza. São momentos com caminhadas, registros de poluição da praia, do bairro, mediados por diálogos e intervenções.

É interessante perceber, nessas aulas, a existência de um trabalho de problematização do contexto dos educandos, mesmo que ainda seja uma ação sucinta, convidando-os para pensar os problemas do bairro, orientação condizente com o pensamento freireano, ao apontar para a importância da associação do conteúdo do que se ensina com a realidade concreta dos educandos.

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 1996, p. 15).

Diante dessas observações, é possível perceber que as aulas de surfe são vivenciadas mediante um processo de aprendizagem dos movimentos corporais dessa prática, mas que também buscam o desenvolvimento de um aprender no sentido holístico, dialogando com outros aspectos, outros saberes, intermediando um processo formativo integral dos jovens para que eles aprendam a surfar as ondas do mar e a “surfear as ondas da vida”, visão essa constatada também no próprio projeto político pedagógico da instituição:

Aprender é social, corporal e muito mais além. O beneficiado é visto como sujeito dotado de conhecimentos oriundos de suas experiências de vida, fatos ricos do cotidiano que podem ser incorporados nos momentos das atividades em grupo. Quando os significados da prática formativa são trabalhados socialmente, passasse a compreender de maneira consciente as problemáticas que envolvem as crianças e adolescentes do IPOM (IPOM, 2016).

Porém, paralelamente a essa perspectiva, o que observamos é que algumas das vivências aqui destacadas ainda são pontuais, discretas, pois a maioria das aulas é desenvolvida por meio de abordagens de cunho tecnicista, reprodutivista e acrítica. Isto configura uma experiência de ensino e aprendizagem do surfe ainda vivenciada a partir de movimentos estabelecidos e padronizados, não se consolidando, na prática, como uma implementação concreta para a promoção de sujeitos crítico-reflexivos, ativos, criativos e autônomos.

A lógica se repete, cheguei às 15h, hora do lanche, depois, todos indo para suas atividades. Dando continuidade à programação da agenda do projeto, cada um acompanhou sua turma na atividade estabelecida para aquele dia e para aquele horário: inglês, arte, leitura, capoeira, surfe etc. Pegamos as pranchas, caminhamos até a areia onde o alongamento foi feito, manobras conhecidas foram treinadas no ar: aquece, deita, mergulha, levanta, joga o corpo para um lado, depois para o outro e imagina a onda, sente o tubo, manobras novas. Toda a atenção se voltava para ver o novo movimento do professor, tentar fazer na areia e, depois desse aquecimento, era hora de cair no mar [...] (Extratos do diário de campo, 03 de maio de 2016).

Portanto, constatou-se a carência de um trabalho efetivo com relação ao desenvolvimento de ações concretas que buscassem promover uma permanente reflexão, uma compreensão das questões sociais, problematizando o contexto a partir de uma implementação de ensino e aprendizagem seguindo um plano gradual, com objetivos bem estabelecidos e idealizados por atividades sequenciadas através de uma lógica consistente, de diálogos, momentos reflexivos, construções, soluções e intervenções (mudança).

3.2 SURFANDO COM OS JOVENS: QUE SENTIDOS E SIGNIFICADOS OS JOVENS ATRIBUEM AO SURFE

Sobre o segundo objetivo dessa pesquisa, percebemos que os sentidos e significados que os jovens atribuem ao surfe trazem a ideia de lazer, usada, segundo suas falas, como uma forma de diminuir o estresse e como um agente de socialização. Foi possível identificar também, a partir de suas vozes, a existência de uma ligação afetiva e de liberdade com o surfe, como se ele fosse, para eles, uma família dentro do mar e também uma arte.

A ideia de lazer e de bem-estar foi identificada quando, nas falas desses jovens, encontramos afirmativas de que o surfe é uma prática bastante divertida, que faz bem à saúde, capaz de aliviar as tensões do dia a dia, ocasionando um estado de relaxamento: “Significa uma coisa legal que a pessoa pode praticar, faz bem à saúde e pode se divertir ao mesmo tempo” (Vizinho, 13 anos); “Momento que a pessoa se distrai e se diverte, só isso mesmo. No surfe, encontra muitos amigos” (Portão, 15 anos).

Sobre esses significados, podemos refletir sobre essa ideia diante de duas relações: a primeira, pela própria lógica do lazer, que, segundo Friedmann (1983), passou a existir pela necessidade de os trabalhadores terem momentos com atividades prazerosas capazes de aliviar as tensões cotidianas, diminuindo os estresses que aconteciam no trabalho.

No que se refere à segunda explicação, essas afirmativas, encontradas nas falas dos jovens, tanto são elucidadas em âmbito geral quanto específico do surfe. Assim, partindo da dimensão ampla atrelada às características encontradas nas práticas corporais de aventura, com base no estudo de Tahara e Carnicelli Filho (2013), as atividades englobadas nesse grupo são vivências espontâneas usadas para fugir da vida estressante das grandes cidades.

Através do diálogo com os jovens, foi possível perceber uma relação afetiva com o surfe, capaz de proporcionar sensações de liberdade, além da ideia de que o surfe é uma arte, ou como uma família no mar. As falas seguintes revelam a profundidade da relação que se estabelece entre a dimensão afetiva, a liberdade e o surfe: “Na minha vida, né?! (pausa curta de emoção) o surfe é uma coisa especial, assim, muito especial. É tipo como se eu tivesse uma outra família no mar, o surfe é maravilhoso” (Titanzinho, 13 anos); “Surfe é vida né?! Surfe é arte e eu acho que o significado é que quando a gente tá surfando é muito bom, se tem a sensação de livre, é isso” (Vizinho, 13 anos).

A ligação com a natureza, a sessão de surfe com os amigos, os efeitos proporcionados começam antes mesmo de se entrar no mar para surfar, da mesma forma como os que são mantidos horas após as sessões proporcionam benefícios físicos, psicológicos e sociais aos seus adeptos, o que faz com que muitos surfistas o percebam o surfe como algo que vai além dos aspectos físicos, proporcionando sensações para a vida que acontece também fora do mar (DORO, 2015).

3.3 SURFANDO COM OS SABERES: QUAIS SÃO OS SABERES COMPARTILHADOS AOS JOVENS FRENTE AO SURFE COMO PRÁTICA EDUCATIVA

Nessa etapa da pesquisa, buscamos descobrir quais os saberes estavam presentes nas aulas de surfe do projeto. Assim, identificamos que, nesse contexto, existe

um saber técnico sobre as habilidades físico-motoras do surfe, com base na transmissão e repetição dos movimentos. Há também um saber a respeito de alguns ofícios do surfe, pelas aulas de fabricação e conserto de pranchas, fotografia e vídeo. Existindo ainda um saber do campo dos valores éticos humanos e históricos-sociais, como relata um dos jovens entrevistados, quando questionado sobre o que aprendiam nas aulas:

A respeitar a ouvir, a surfar, ensina o básico do surfe... Às vezes, ele ensina nós a concertar prancha... Ensina sobre o nosso bairro, né?! Nós aprende a surfar e as boas maneiras. Às vezes, nós sai batendo foto dos cara surfando e também dos egotos que tem aí na rua (Titanzinho, 13 anos).

Na investigação desse terceiro objetivo, a entrevista foi orientada também por um segundo bloco de perguntas construídas com base nos seis temas transversais (diversidade, saúde, meio ambiente, consumo, mercado de trabalho e ética). A razão de escolha dessas questões se deu mediante o fato de que esses temas estão indicados no próprio projeto político pedagógico da instituição: “A utilização dos temas transversais visa a efetivação da construção do cidadão crítico desde a infância, entrando na adolescência e se firmando na juventude” (IPOM, 2016, p. 22).

O que igualmente nos motivou a usar esses temas foi a sua relevância social, partindo do entendimento de que essas temáticas possibilitam a problematização de questões significativas para a reflexão do contexto social, reconhecemos assim as implicações que essa proposta traz para a construção de uma realidade educacional transformadora para a formação humana e para a inclusão social possibilitando a vivência de uma cidadania plena (DARIDO et al, 2001).

O nosso interesse em compreender como esses temas incidem com os saberes dos jovens parte da compreensão sobre a educação escolar ou não, como uma das referências para a efetiva transformação social, concebendo-a como uma ação para compartilhar

conhecimentos, mas também como uma prática de desenvolvimento de atitudes, dos valores humanos, da consciência crítica e dos saberes sociais (FREIRE, 1987).

Nesse mesmo objetivo, identificamos, portanto, em relação aos temas transversais, que os saberes sobre meio ambiente e saúde são os mais compartilhados pelos jovens nesse contexto. Também são os saberes onde existe um trabalho mais sistematizado, mais regular e efetivo, constatado pela fala de um dos jovens: “Demais, fala demais, pra não jogar o lixo e cuidar da praia e do bairro, a gente sai pra pegar o lixo na praia, faz tipo campanha aqui na comunidade” (Titanzinho, 13 anos).

Os outros saberes ou são pouco ou não são trabalhados, sendo vivenciados de forma espontânea, pouco planejada nas aulas, por ações eventuais. Por exemplo, quando questionados se eles dialogavam nas aulas sobre o surfe e a participação das mulheres, indagação referente ao tema surfe e diversidade, um dos jovens respondeu o seguinte: “Conversa não, várias mulheres aqui do bairro surfam e aqui não precisa disso não, porque o surfe é pra todos, todo mundo pode surfar” (Vizinho, 13 anos).

Apesar de o jovem trazer uma ideia de que não é preciso debater esse tema em aula, uma vez que, na sua visão, muitas mulheres da comunidade surfam, a problematização do surfe feminino ainda é de extrema importância, pois a mulher tem pouco espaço, seja na condição do esporte para o lazer e, sobretudo, no domínio profissional.

Como destaca Bandeira e Rubio (2011), em sua pesquisa sobre a questão de gênero no surfe, ao identificar situações de preconceito envolvendo as mulheres no contexto desse esporte, há a ocorrência de desde o uso de apelidos ofensivos até a intensa erotização das suas imagens na mídia: “[...] como corpos sexualizados, ou pedaços de corpos, posando como modelos em closes que privilegiavam, quase sempre, suas partes no biquíni” (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p.13).

Além dessa discussão sobre a mulher no surfe, o diálogo a respeito da diversidade como tema transversal se faz muito importante, devido a ainda vivermos em uma sociedade preconceituosa, marcada por atitudes de discriminação adversas, não apenas pela questão de gênero, mas também sobre a orientação sexual, a cor etc.

Como destacou Freire (1987), a educação necessita ser crítica, um método de aprendizagem desenvolvido pela problematização do contexto, possibilitando ao educando, conhecer e desvelar a sociedade pela reflexão de sua realidade, uma ação de conscientização crítica das conjunturas sociais, em que conscientizar não se trata apenas de reconhecer essas questões, mas de assumi-las enquanto um engajado compromisso coletivo,

promovendo, assim, um processo de práxis (reflexão-ação), que visa a transformação do mundo circundante.

Trazendo essa compreensão vislumbramos, portanto, possibilidades. Assim, teve-se o cuidado de refletir e de apontar caminhos iniciais de uma prática educativa mediada nessa relação surfe, juventude e educação libertadora que possa compartilhar outros saberes sociais, com base nos temas transversais.

Essas possibilidades são canais e ações de diálogo e de intervenção possíveis, em que tais temáticas estariam presentes por toda a prática, uma experiência de ensino e de aprendizagem sistematizada com base em seis blocos de articulação do surfe com cada tema transversal, como destacamos:

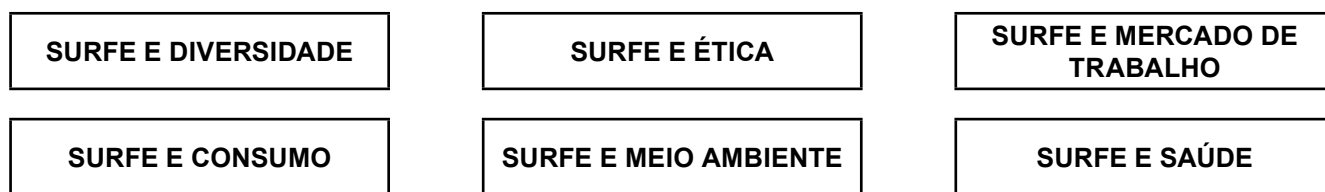


Figura 1 - Proposições pedagógicas para o ensino e aprendizagem do surfe

Fonte: Elaborado pela autora

Desse modo, essa proposta inicial é fundamentada pela compreensão de que a educação é um dos principais instrumentos de intervenção na realidade social, capaz de promover mudanças significativas na sociedade, desde que seja vivenciada como um ato de ação e reflexão permanente, construída a partir de uma pedagogia crítica, que tem como base uma educação social voltada para a transformação da sociedade (BRANDÃO, 1981; GADOTTI, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesses achados, que contemplaram cada objetivo específico dessa pesquisa, ou seja, a descrição feita dessa experiência pedagógica, enfatizando como

o surfe era vivenciado nesse contexto, a percepção dos sentidos que os jovens atribuíram e a identificação dos saberes que foram compartilhados com eles, representou-se a concretização de um estudo sobre o surfe como prática educativa voltada para a formação humana cidadã e a inclusão social dos jovens.

Dessa forma, encontramos, nesse contexto, um ensino e um aprendizado do surfe intencionado por uma compreensão educativa emancipada, voltada para a inclusão social e para a formação dos valores humanos. Essa experiência educativa é fundamentada, teoricamente, por concepções de uma educação transformadora, reflexiva, crítica e dialógica, com base nos pressupostos do próprio projeto político pedagógico da instituição.

Entretanto, paralelamente a essa constatação, é possível perceber ainda, no contexto da efetivação da prática pedagógica, elementos de uma proposta tradicional e reprodutivista. Consideramos que esta contradição se faz presente em virtude do próprio tensionamento que se estabelece quando se busca uma mudança para uma proposição crítica e transformadora como superação de uma perspectiva bancária (FREIRE, 1987). Isto se faz ainda presente porque, mesmo reconhecendo e assumindo uma perspectiva libertadora, ainda estamos inseridos numa conjuntura que nos leva ao constante conflito com as práticas que ainda são hegemônicas.

A dinâmica do projeto ainda apresenta elementos que nos levam à compreensão de uma prática que transita entre uma perspectiva libertadora e algumas práticas próprias de uma pedagogia tradicional, tais como no momento em que percebemos o educador promover a simples transmissão de ideias ao invés de problematizar e promover a vivência de perspectiva criativa dialógica, que incentiva a criação, a pesquisa, a descoberta, de forma autônoma, daquele determinado conhecimento, nesse caso, das temáticas que se inserem no ensino e aprendizagem do surfe, colocadas anteriormente.

Não é nosso intuito apontar somente as falhas dessa ação educativa, muito menos fazer julgamentos e avaliações negativas, pois a intenção é a de propor caminhos para o avanço dessa experiência, para que ela possa se efetivar, na prática, como uma vivência emancipada, comprometida social e dialogicamente. E, até mesmo, já percebemos que existem avanços quando visualizamos o desenvolvimento de um trabalho coletivo e parceiro, incluindo setores que compartilham conhecimentos e experiências pedagógicas para somar, ampliar e emancipar a prática que já vem sendo vivenciada.

Para nós, essa contradição é o motor que possibilitaria a efetivação e a concretização desta proposta, uma vez que já é palpável, no projeto político pedagógico da instituição, a inclusão de elementos

concretos no campo teórico que vislumbram uma pedagogia libertadora e é por este fator que esta efetivação vem sendo uma busca constante, sendo necessário ainda uma vigilância pedagógica permanente para que haja de fato a superação destas práticas ainda consideradas tradicionais.

Uma forma de pensar contribuições para o alcance dessa proposta, que visa a transformação e a libertação, seria por meio de parcerias entre universidade, Estado, comunidade, família, dentre outros, que possam vir a agregar esforços a essas ações. Um caminho de exemplo, com relação à participação da universidade, poderia ser articulado mediante os projetos de extensão e até mesmo os de pesquisas, como essa em questão, que se propõem a estudar as práticas educativas que não estão na escola.

Neste sentido, a reflexão que compartilhamos é a de que os estudos e as ações sobre a educação não podem focar apenas no campo escolar. Sendo preciso, por isso, reconhecer, pesquisar, estudar, debater e propor ações que possam contribuir com a educação que acontece também fora da escola, como no caso dessa pesquisa, em que nos detivemos a estudar uma prática educativa gestada por uma ONG.

Estudos e projetos destinados a trabalhar com a área da educação podem se basear em intervenções a partir de ações para se vivenciar com os jovens, mas podem ser também propostas de formação com os educadores, os professores de surfe de projetos sociais, por exemplo. Porém, independentemente de qual caminho seguir, essas possibilidades não podem deixar de ser reais, significativas, críticas, diferentes de modelos diretivos.

Superando, assim, possíveis ações, que, pela mistificação de ideias não condizentes com a realidade, originadas de abordagens alienadas, superficiais, reducionistas e discriminatórias, configuram-se mais como formas de controle e assistencialismo do que de cuidado e fomento à cidadania plena. Como nos inspira Silva ao falar da energia pulsante sobre sua experiência

com a formação permanente de professores com base em uma Perspectiva Eco Relacional:

É claro que não tenho a pretensão de mudar o contexto da educação, do mundo, da formação, nem mesmo criar o(a) professor(a) ideal, mas tenho a esperança de que a mudança é possível. E isto pra mim é uma possibilidade concreta. Pensar novos projetos para a educação, para uma formação mais humana e menos técnica, mais formativa e menos (de)formativa. (SILVA, 2011, p.18)

Portanto, os achados desse estudo nos possibilitaram também reflexões e visualizações de caminhos iniciais para que possamos pensar, construir e implementar uma experiência de ensino e aprendizagem do surf fundamentada por uma abordagem educativa progressista, libertadora, pautada, portanto, pela dialogicidade, contextualização, reflexão-crítica, emancipação, criatividade, participação ativa, autonomia, superação das práticas hegemônicas, na luta pela justiça e em prol de uma transformação social.

SURFING FOR LIFE: A STUDY ON THE ROLE OF SURFING AS A PEDAGOGICAL LIBERATING PRACTICE

Abstract

This work is about a master's research that aimed to study surf as a liberating educational corporal practice, identifying elements for human citizen formation and the socio-educational inclusion of the young people participating in a social surf project at Titanzinho beach, in the city of Fortaleza. The methodology used for the development of this research was the qualitative approach guided by the ethnographic approach. It had as observation instruments, documentary analysis and interviews. With this study, it was possible to verify a teaching and learning experience of surf that promotes a knowledge of

the motor skills linked to this corporal practice. At the same time, it provides knowledge related to the development of human attitudes and values, dialoguing with some social themes, especially those that problematize the environment.

Keywords: Surfing. Youth. Liberating Education. Social projects.

SURFING PARA LA VIDA: UN ESTUDIO SOBRE EL PAPEL DEL SURF COMO PRÁCTICA PEDAGÓGICA LIBERADORA

Resumen

Este trabajo trata de una investigación de maestría que tuvo como objetivo estudiar el surf como una práctica corporal educativa liberadora identificando elementos para la formación humana ciudadana y la inclusión socioeducativa de los jóvenes participantes de un proyecto social de surf en la playa de Titanzinho, ciudad de Fortaleza. La metodología utilizada para el desarrollo de esta investigación fue el enfoque cualitativo orientado por el enfoque etnográfico, teniendo como instrumentos de investigación la observación, el análisis documental y las entrevistas. Con este estudio fue posible constatar una experiencia de enseñanza y aprendizaje del surf que promueve un saber de las habilidades motoras de esa práctica corporal, al mismo tiempo que oportuniza saberes ligados al desarrollo de actitudes y valores humanos, dialogando con algunos temas sociales, principalmente los que problematizan el medio ambiente.

Palabras clave: Surf. La juventud. Educación Liberadora. Proyectos sociales.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Cynthia Studart. “*Nas ondas do surfê*”: estilo de vida, territorialização e experimentação juvenil no espaço urbano. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- BITENCOURT, Valeria et al. Surfê/Esportes radicais. In: DA COSTA, L. *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2004. p. 411-416.
- BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Kátia. *Do outside*: corpo e natureza, medo e gênero no surfê universitário paulistano. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 97-110, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DARIDO, Suraya Cristina; et al. Educação Física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, jan./jun. 2001.
- DORO, Luiz Carlos Marinovic. *Surfê e Qualidade de Vida do idoso*: uma pesquisa exploratória. Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado em Ciências do Envelhecimento, USJT, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- FRIENDMANN, Georges. *O trabalho em migalhas*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- GADOTTI, Moacir. *Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum*. *Revista Diálogos*, v. 18, n. 2, 2012.
- IPOM. Instituto Povo do Mar. *Projeto Político Pedagógico*. Fortaleza: [s.n.], 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- NOGUEIRA, André Aguiar. *Surfando nas ondas do Titanzinho*: corpo, natureza, memória e cultura em Fortaleza (1960-2010). Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.
- RAMOS, Valmor; BRASIL, Vinicius Z; GODA, Ciro. O conhecimento pedagógico para o ensino do surf. *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 24, n. 3, p. 381-392, 2013.
- SÁ, Leonardo Damasceno de. *Guerra, mundão e consideração*: uma etnografia das relações sociais dos jovens do Serviluz. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- SILVA, Maria Eleni Henrique da. *A formação permanente relacional na educação física escolar*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. *Arquivos de Ciências do Esporte*, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2013.

Enviado em 10 de fevereiro de 2018

Aprovado em 2 de abril de 2018